Informativo do Saber

Unindo parcerias

Novembro/Dezembro 2016

Informativo do Projeto Saber para Cuidar - Cehmob-MG - nº 17 - Ano 3

Ilustração: Juliana Guimarães

Editorial

Novo curso, novos frutos

Por Cláudia do Couto, coordenadora da Sensibilização do Saber para Cuidar.

Iniciamos mais 14 turmas em EaD do Saber para Cuidar! Minas Gerais e Bahia foram os primeiros estados a receber o curso "Ressignificando a doença falciforme: a diversidade no contexto escolar" dirigido aos profissionais municipais de Educação. Belo Horizonte, Ribeirão das Neves, Contagem e Januária foram os municípios mineiros; Salvador, Feira de Santana, Ilhéus, Itabuna e São Francisco do Conde os baianos.

Os gestores de Educação das cidades receberam nossa equipe em reuniões onde o projeto foi apresentado e a parceria com as secretarias de Educação fechadas. Cada gestor se responsabilizou por indicar nominalmente quem participaria da formação.

Iniciado em 15/09, o curso já tem dado frutos, apesar de ainda estar no segundo módulo. E são tantos os relatos, ponderações, propostas de novas atuações que resolvemos fazer um boletim especial, só com textos de quem participa da capacitação! Diferentes formações, áreas de atuação e sotaques compõem nossa lista de autores. A importância de se pensar sobre o racismo ainda tão presente na Educação, as leis que amparam os estudantes hospitalizados e uma linda reflexão sobre a sala de aula são os temas dos textos que te convido a ler a seguir.

Nesta Edição

Foto: banco de imagens

A importância de se discutir o racismo.
Página 2

A sala de aula.
Página 3

A Cara do Saber

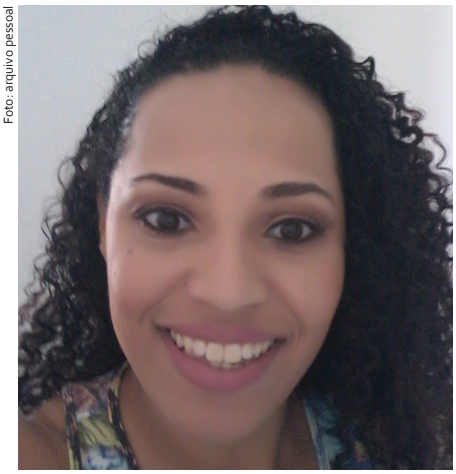

Foto: arquivo pessoal

Por Graziela Maria de Souza, assistente social.

Sou Graziela e atuo como assistente social no Centro de Educação e Apoio Social (Ceaps) do Núcleo de Ações e Pesquisa em Apoio Diagnóstico da Faculdade de Medicina da UFMG (Nupad). No projeto "Saber para Cuidar: doença falciforme na escola", sou responsável pela coordenação do processo de Articulação em Redes e Promoção de Ações Educativas, além de ser conteudista e tutora do curso em EaD.

É uma enorme satisfação fazer parte de um projeto tão importante quando esse que busca qualificar tecnicamente os profissionais da Educação para que eles possam contribuir para melhoria da qualidade de vida dos alunos com a doença falciforme. Acredito que a operacionalização desse projeto só é possível por existir uma rede que vincula profissionais e cidadãos de diversas áreas e com diversos saberes em prol da atenção integral às pessoas com doença falciforme. Por isso, a articulação e o fortalecimento dessa rede se fazem tão necessários para que possamos continuar promovendo ações que colaborem com o direito à saúde e à vida do nosso público. Como dizia Charles Chaplin: "Nossos esforços conjuntos desafiam as impossibilidades".

Além da Rede

A importância de se discutir o racismo

Por Ângela Machado Kraemer Rocha, pedagoga.

Foto: arquivo pessoal

Sou professora do AEE (Atendimento Educacional Especializado) na Rede Municipal de Belo Horizonte. Trabalho com múltiplas deficiências e ainda não tive nenhum aluno com doença falciforme. Estou feliz por ter sido indicada para fazer o curso, pois sei que a busca do conhecimento é inesgotável na nossa profissão.

Sobre a discussão no módulo Diversidade, vejo que constantemente nos deparamos com diversas situações, como a da menina do caso de racismo do fórum. Falas infelizmente tão comuns vindas de educadores como: "aquele(a) neguinho(a)", "aquele (a) menino(a) sujo(a)", "aquele(a) menino(a) do cabelo ruim, de vassoura, de bruxa", "aquele(a) menino(a) favelado(a)". Uma triste realidade: vivemos em um país ainda muito racista e com desigualdades.

Para combater o racismo, a formação de professores e funcionários é essencial. A escola precisa buscar referências sobre cultura africana e diversidade em diversos materiais de apoio – como no curso "Ressignificando a doença falciforme". É preciso ampla discussão e revisão sobre as práticas docentes no que concerne à temática dos afrodescendentes.

A escola acaba reproduzindo o racismo, o preconceito e a discriminação contra os estudantes. Como professores, podemos trabalhar com filmes e documentários que abordam o assunto, pesquisas na internet, revistas, jornais, brincar de faz-de-conta, roda de conversa, gêneros textuais, literatura infantil e juvenil, música e artes plásticas, oficinas que envolvam a família... O trabalho deverá ser interdisciplinar. O mais importante é percebermos o quanto de racismo temos em nós, para depois mudar a nossa percepção de mundo.

Além da Rede

A sala de aula

Por Geraldo Magela Lara, professor.

Foto: arquivo pessoal

Sou professor da Rede Municipal de Belo Horizonte, licenciado em Matemática. Conhecer os nossos estudantes faz toda a diferença na sala de aula. O conhecimento é a marca deste século e utilizá-lo em favor dos estudantes é uma questão social.

A sala de aula é um lugar encantador e instigante, porém, ao mesmo tempo, desafiante. Para o aluno e o professor a maior parte da vida se passa na sala de aula, nela acontece o encontro entre essas pessoas com seus desejos, amores e dores. Cabe ao professor ressignificar a sua vida e a de seus alunos. Na minha experiência fui aprendendo a "olhar" e "ver" a sala. Desde muito cedo entendi que precisava ler e estudar sobre esse lugar. Aprendi que a intenção pedagógica clara e o planejamento contribuem significativamente para o bom clima escolar.

Todos os dias em que piso na sala de aula, falo o nome de todos os meus alunos. Cada aluno precisa saber que eu o vi e que ele é importante, que a aula vai ser melhor porque ele está presente. Esse vínculo é fundamental e muda toda a história da sala de aula. Conhecer os alunos é uma das formas de fazer a avaliação para que se possa usar estratégias que atenda a necessidade de cada um.

Nos meus 37 anos de Magistério, vivenciei muitas situações de preconceito. E o pior é que muitas vezes os profissionais da Educação chegam a achar que é normal essa situação. Nas situações de conflito, aprendi desde muito cedo com meus colegas mais experientes que nunca devemos fingir que o conflito não está posto.

O que mais me incomoda são os conflitos na sala de aula. Fui aprendendo a lidar com eles e sempre lembrava aos alunos que somos todos seres humanos, seres de conflito e o que muda não é o conflito e sim como lidamos com ele.

À medida que fui avançando na leitura do módulo "Diversidade" do curso "Ressignificando a doença falciforme: diversidade no contexto escolar", fui revendo minha história pessoal e profissional. Como sou preconceituoso em muitos momentos e que preciso fazer uma reflexão séria de quais são os meus valores, qual é a minha história. E, no momento do conflito, lembrar que sou o adulto da relação e que preciso mediar a situação, olhando-a de frente e não fingindo que não existe.

Utilizar os espaços da escola para atividades diferenciadas, como trabalhar a oralidade e o levantamento de hipóteses, fazer registros coletivos sobre o que foi discutido, isto sim é apropriar do conhecimento. A sala de aula é este lugar que nos coloca diante de nós mesmos e diante do outro lembrando, sempre, que é na sala de aula que a vida pede passagem.

Foto: banco de imagens

Além da Rede

O Saber em ação

Por Jurema Reis Sampaio Campos, professora.

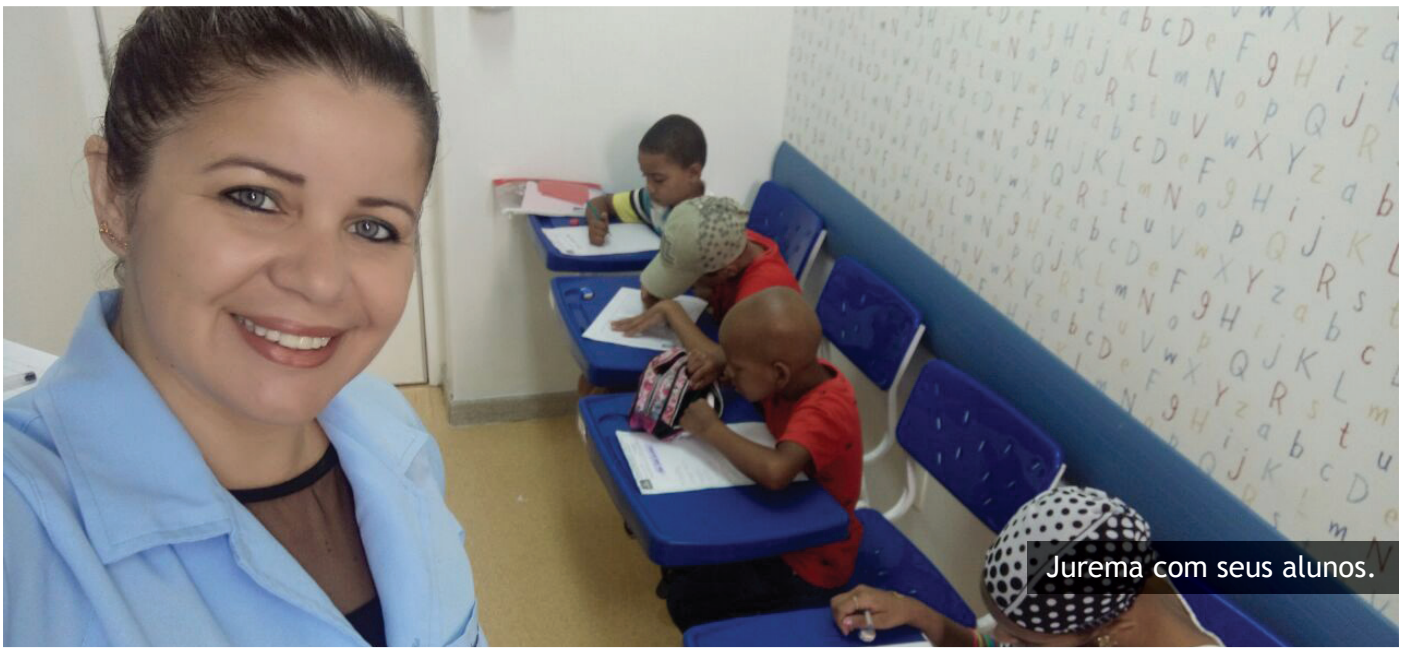

Foto: arquivo pessoal

Jurema com seus alunos.

Reconhecida por lei, a escola hospitalar garante ao aluno hospitalizado a continuidade do processo de escolarização durante o período de hospitalização temporária e/ou permanente.

Desde o ano de 2008, atuo como professora na Escola Municipal Hospitalar e Domiciliar Irmã Dulce, no Hospital Santa Izabel, em Salvador (BA). Tenho uma carga horária de 40 horas semanais, sendo que no turno matutino trabalho numa sala de aula com crianças e adolescentes que estão em tratamento de câncer e, no turno vespertino, o atendimento pedagógico acontece nos leitos, onde os alunos pacientes estão em tratamento cardíaco.

Ressalto que, atualmente, estou acompanhando uma criança que, além de ser cardiopata, tem a doença falciforme. Os conteúdos estudados no curso "Ressignificando a doença falciforme: diversidade no contexto escolar" têm me dado um suporte importante e necessário, principalmente no que se refere aos aspectos clínicos e complicações gerados pela doença.

A criança com doença falciforme passa por recorrentes períodos de hospitalização, o que causa muitas vezes distorção idade/série, já que nem sempre consegue acompanhar os demais alunos da turma, devido ao afastamento da escola regular. Diante disso, além de garantir o direito da escolaridade das crianças e adolescentes em tratamento de saúde, a escola hospitalar promove a inclusão social.

A prática pedagógica no hospital é marcada pela flexibilidade do planejamento, dinamismo nas atividades propostas e adaptação de um currículo que possa, de fato, atender as reais demandas educativas apresentadas por cada aluno paciente.

Considero o trabalho pedagógico com alunos hospitalizados um grande desafio. Sou muito feliz por fazer parte da história das crianças e adolescentes que diariamente passam por mim.

Você quer dividir conosco sua experiência na atenção à pessoa com doença falciforme? Escreva-nos no projetosaberparacuidar@gmail.com e envie uma foto. Quem sabe na próxima edição você participa conosco?

Expediente

Centro de Educação e Apoio para Hemoglobinopatias (Cehmob-MG) – Coordenação Geral: José Nelio Januario e Mitiko Murao. **Coordenação Técnica do Saber para Cuidar: doença falciforme na escola:** Isabel Castro. **Redação:** Ângela Rocha, Cláudia do Couto, Geraldo Magela ,Graziela Maria, Jurema Reis. **Instituições realizadoras:** Ministério da Saúde, Secretaria de Estado de Saúde de Minas Gerais, Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais, Núcleo de Ações e Pesquisa em Apoio Diagnóstico da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais, Fundação Hemominas. **Instituição parceira:** Associação de Pessoas com Doença Falciforme e Talassemia do Estado de Minas Gerais (Dreminas). **Assessoria de Comunicação Social da Faculdade de Medicina da UFMG:** Gilberto Boaventura (Reg. Prof. MG 04961JP). **Edição:** Rafaella Arruda. **Projeto Gráfico e Diagramação:** Luiz Romaniello. **Atendimento Publicitário:** Ingred Souza. **Boletim de circulação online:** www.cehmob.org.br. **Contato:** jornalismo@medicina.ufmg.br. **É permitida a reprodução de textos, desde que citada a fonte.**